

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

ADRIANA SILVA TAVARES

INTRODUÇÃO À ORATÓRIA NO MEIO ACADÊMICO

Uma proposta de desenvolvimento da comunicação oral em público

Varginha/MG

2021

ADRIANA SILVA TAVARES

INTRODUÇÃO À ORATÓRIA NO MEIO ACADÊMICO

Uma proposta de desenvolvimento da comunicação oral em público

Trabalho de Conclusão de PIEPEX apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências e Economia pelo Instituto de Ciências Sociais Aplicadas do Departamento de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Economia da Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Prof. Dr. Jackson Wilke da Cruz Souza

Varginha/MG

2021

AGRADECIMENTOS

Eu considero o processo de orientação um trabalho muito belo e agradeço ao professor Jackson por torná-lo tão especial, pois, em cada reunião, em cada atitude compreensiva e, principalmente, em todo o entusiasmo, desde o acolhimento de uma ideia até o seu registro, eu pude sentir a segurança de ser bem orientada e aconselhada, tanto no âmbito acadêmico quanto nas questões da vida. Agradeço também ao incentivo e apoio do meu marido para a realização deste trabalho, sua presença ao meu lado foi uma confortante declaração dos nossos votos matrimoniais.

RESUMO

Neste trabalho, objetivou-se discutir a criação de um espaço teórico-prático de interação entre os alunos da Universidade Federal de Alfenas UNIFAL/MG (*campus Varginha*) e a comunidade externa sobre as práticas técnico-linguísticas relacionadas à oratória. A proposta para viabilização desse espaço deu-se por meio do curso *Introdução à oratória*, motivada pelo cenário no qual a referida arte é prevista apenas de maneira transversal e superficial nas disciplinas relacionadas à Comunicação e às Práticas de Pesquisa. Além disso, buscou-se basear esta proposta de curso em partes fundamentais da oratória, de acordo com as dificuldades cognitivo-comportamentais dos alunos consultados em estudo prévio. Metodologicamente, este trabalho seguiu as seguintes etapas: revisão de bibliografia, estudo de campo, análise dos dados, planejamento e ministração do curso, reanálise dos dados e redação conclusiva. O curso desenvolvido evidenciou melhoras nos aspectos vocais, posturais, emocionais e técnicos dos inscitos e, a partir da prática e da autoavaliação crítica, os resultados poderão ser aprimorados, aprofundados e cada vez mais perceptíveis por eles. Como ações futuras do projeto foram propostas melhorias e uma parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) para acolhimento psicológico profissional, além de um espaço para outro projeto de apoio chamado Clube da Oratória. Para a continuidade do projeto também foi proposta a extensão aos outros *campi* da universidade e para as comunidades vizinhas, bem como o estudo de formas on-line do ensino da Oratória.

Palavras-chave: Oratória. Oralidade. Comunicação.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	5
1.1.	Contextualização.....	5
1.2.	Motivação e Justificativa.....	7
1.3.	Objetivos.....	7
1.4.	Metodologia.....	8
1.5.	Estrutura do TCP.....	8
2.	ASPECTOS GERAIS DA ORATÓRIA.....	9
3.	PROPOSIÇÃO DO CURSO.....	11
3.1.	Estudo de Campo.....	11
3.2.	Proposta Didática.....	14
3.3.	As Avaliações do Curso.....	16
3.4.	Avaliação da Ministrante.....	17
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
5.	REFERÊNCIAS.....	19
	APÊNDICES.....	21

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização

A comunicação, processo e habilidade inerente ao ser humano, se estabelece por meio da linguagem, uma forma de ação social, que pode se manifestar escrita ou oralmente por diversos Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2002). Observá-la de forma científica, por meio dos estudos linguísticos, permite que haja um aperfeiçoamento em suas diversas formas de expressão no meio acadêmico, por exemplo.

Inicialmente, a comunicação era concebida sob uma perspectiva unívoca e quase que individual ou por mera troca de turnos de fala. A partir dessa perspectiva, Jakobson (2010, apud WINCH; NASCIMENTO, 2012) propôs funções da linguagem referentes à constituição da comunicação verbal, a saber: (i) remetente (ii) mensagem (iii) destinatário (iv) contexto (v) código e (vi) contato. A partir disso, a linguagem verbal passou a ser interpretada por diferentes funções de acordo com cada um desses seis aspectos, e passou a ser, uma das principais teorias de comunicação que influenciaram o ensino da língua portuguesa no Brasil nas décadas de 60 e 70 (WINCH; NASCIMENTO, 2012).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), no capítulo intitulado “Que fala cabe à escola ensinar”, apontam que a linguagem oral no Brasil possui diversos dialetos, frutos de condições geográficas e sociais. Decorre-se, a partir dessa condição, uma orientação que o ensino promova reflexões sobre a maneira de falar de acordo com o contexto das diferentes situações comunicativas, especialmente nas mais formais (BRASIL, 1997). Nesse contexto, as práticas comunicativas formais/escolares e informais/domésticas da modalidade textual oral são relevantes no desenvolvimento linguístico de um indivíduo, já que é possível aperfeiçoar suas habilidades discursivas e cognitivas considerando a produção de textos concebida num processo social, tendo os interlocutores (remetente e ouvinte) como participantes ativos dessa produção.

Partindo da ideia de aprimoramento social da linguagem, a oratória prevê aspectos sobre o “falar bem” que abrange desde uma *boa comunicação* (quanto à capacidade de fazer-se compreendido) até o *desenvolvimento de diversas habilidades comunicativas* (como a capacidade de argumentação e de comoção).

Uma das premissas do ensino da oratória é admitir que a habilidade de falar bem não decorre de um talento inato, pois a arte é passível de instrução e prática,

de modo a gerar uma performance até alcançar a excelência na modalidade (CAPDEVILLE JUNIOR, 2013). Contudo, o ensino de oratória e retórica sofreram diversas adaptações, redefinições e remodelagens pelas diversas disciplinas afins. Capdeville Júnior (2013) demonstra que o ensino da retórica, e conseqüentemente da oratória, passou de uma grade curricular dos cursos superiores por especializações que se aprofundaram na lógica, para a atual arte da argumentação, usada de diferentes maneiras e finalidades, por exemplo, como um produto no mercado de conhecimentos.

Dada a importância da modalidade textual oral e o valor da oratória dentro do planejamento pedagógico no ambiente formal de ensino, observa-se, infelizmente, um pequeno espaço para o seu desenvolvimento no ensino fundamental no Brasil. As autoras Winch e Nascimento (2012) investigaram os exercícios pedagógicos desenvolvidos para o 4º ciclo, que corresponde às 7ª e 8ª séries, por meio do livro didático de língua portuguesa intitulado Projeto Radix (2009), com a finalidade de encontrar traços das funções de linguagem de Jakobson no ensino em tópicos de oralidade.

As autoras observaram que a oralidade espontânea é muito pouco proposta no material e, conseqüentemente, deduz-se que seja pouco trabalhada em sala de aula. Dos exercícios orais, o que predomina é “a ‘mistura’ entre tratamento da escrita e da oralidade e a escrita serve como suporte para a utilização do código oral pelo aluno” (WINCH; NASCIMENTO, 2012, p. 233-234).

Apesar de a pesquisa das autoras ser uma amostra de um dos quatro ciclos de uma população muito vasta, correlacionando ao projeto de Capdeville Júnior (2013), é possível concluir que a oratória, desde o Ensino Básico até o Ensino Superior, de maneira geral, está prevista nos documentos e normativas oficiais apenas de maneira transversal e superficial nas disciplinas que abordam a comunicação, em alguma esfera. Como resultado, a produção de textos orais de maneira formal e estruturada voltada a um público coletivo tende a não ser uma habilidade aprimorada entre os alunos do Ensino Superior.

1.2. Motivação e Justificativa

A produção textual oral como tópico específico é trabalhada de maneira transversal e pouco aprofundada em disciplinas de Comunicação na Universidade Federal de Alfenas UNIFAL/MG (*campus Varginha*). Diante disso, advinha a motivação de desenvolver uma pesquisa com o objetivo de verificar o espaço da produção de textos orais na UNIFAL-MG (*campus Varginha*), especialmente ao que se refere às partes fundamentais da oratória, de acordo com a necessidade dos alunos que seriam consultados.

Após a aplicação do questionário intitulado “*A relevância da oratória no meio acadêmico*”, realizada no segundo semestre de 2019, constatou-se um público pouco à vontade na modalidade oral e, por outro lado, disposto a desinibir-se frente aos desafios pertinentes a atividades dessa natureza. Os apontamentos da consulta auxiliaram, então, chegar a uma proposta metodológica do curso *Introdução à oratória*, ancorado ao projeto de extensão “*Letramentos Acadêmicos Multimodais*¹”, entendendo a oratória como prática discursiva no processo de letramento acadêmico.

1.3. Objetivos

Objetivou-se criar um espaço teórico-pedagógico para o desenvolvimento de práticas relacionadas à oratória entre alunos universitários. Especificamente objetivou-se desenvolver um curso introdutório de oratória, com foco nas dificuldades cognitivo-comportamentais dos alunos consultados previamente. O curso desenvolvido, então, visou a (i) proporcionar familiaridade com os equipamentos e ambientes utilizados na arte, (ii) aprimorar práticas quanto a apresentações orais e (iii) avaliar qualitativamente o impacto do curso de extensão na formação dos alunos.

¹ Projeto de extensão “Letramentos Acadêmicos Multimodais”. Disponível em:

<https://sistemas.unifal-mg.edu.br/app/caex/comum/paginas/mostraAcoes.php>

1.4. Metodologia

Metodologicamente, este trabalho foi dividido em seis tarefas, a saber:

Tarefa 1 – Revisão da bibliografia: investigar a literatura relativa à oratória que trate da produção textual oral, bem como, especialmente trabalhada no ensino escolar e acadêmico.

Tarefa 2 – Estudo de campo: investigar o conhecimento sobre oratória entre estudantes universitários, tanto aos aspectos teóricos quanto práticos.

Tarefa 3 - Análise dos dados: definir estratégias e abordagens metodológicas, a partir dos resultados da Tarefa 2, para auxiliar o público em potencial atendido pelo curso ao quanto a suas necessidades e dificuldades sobre tópicos de oratória.

Tarefa 4 - Planejamento e ministração do curso: desenvolver e estruturar um curso de extensão introdutório de oratória em que se aborde conteúdo específico que contemple as lacunas identificadas na Tarefa 3. Concomitantemente a isso, desenvolver materiais de apoio pedagógico, em que se possa, por meio de práticas orais, treinar apresentações na modalidade, simulando situações acadêmicas.

Tarefa 5 - Reanálise dos dados: analisar qualitativamente os resultados obtidos nas Tarefas 2, 3 e 4, a fim de avaliar a relação entre expectativa e satisfação dos alunos atendidos e organizadores do curso, estudando a possibilidade de ofertas futuras.

Tarefa 6 - Redação do TCP: elaborar um trabalho de conclusão de PIEPEX, formalizando cientificamente as experiências didático-pedagógicas, bibliografias e projeções vinculadas ao projeto.

1.5. Estrutura do TCP

Para tanto, este TCP está organizado em quatro seções. Na segunda seção discorre-se sobre os aspectos gerais da oratória. Na terceira é demonstrado o processo de proposição do curso, subdividido pelas etapas: estudo de campo, proposta didática, as avaliações do curso e a avaliação da ministrante. A última seção reúne as considerações finais sobre o trabalho.

2. ASPECTOS GERAIS DA ORATÓRIA

A palavra oratória possui raiz etimológica do latim *oratoria* e é definida em sua tradução como a arte de falar em público, eloquência (AULETE; VALENTE, 2020). A oratória teve seu auge de disseminação durante o século V a.C., e nasceu vinculada intrinsecamente à retórica, o que une a capacidade de produzir as ideias à habilidade de expressá-las com primazia.

Construindo um paralelo à Teoria da Comunicação (2010, apud WINCH; NASCIMENTO, 2012), o *remetente* seria o *orador*, aquele que discursa para um *público-alvo*, que é o *destinatário* no caso; e a *mensagem* se apresenta por um *discurso*, no qual se introduz um *contexto* e se produz uma argumentação por meio da fala. A arte consiste em qualificar o orador na habilidade do “falar bem”, do convencimento, da expressividade, da argumentação e da persuasão, aspectos inerentes à eloquência.

Os registros históricos apontam que a oratória nasceu na Sicília grega, em 465 a.C., em uma situação jurídica que envolvia a reivindicação de propriedades invadidas. Posteriormente, segundo Mateus (2018), esses conflitos no Tribunal demonstraram o poder da eloquência e deu margem ao ensino e divulgação da prática, até chegar em Aristóteles e ter uma nova perspectiva, a de poder político, visão esta que Roma notaria e absorveria em seu império mais tarde.

No decorrer da História, a oratória se fortaleceu como instrumento político e ganhou espaço em diversos meios sociais, como o artístico, o acadêmico e o religioso. Segundo Polito (1996, apud CAPDEVILLE JUNIOR, 2013), a exigência dos ouvintes se modificou de forma dispersa, ao longo dos anos, trazendo aos dias atuais uma adaptação na qual o orador deixa de apenas direcionar a fala para o ouvinte e passa a conversar com ele.

No meio acadêmico, a arte da eloquência era parte do *Trivium* medieval (JOSEPH, 2008), o sistema de Ensino Superior, que era composto por três pilares: retórica, lógica e gramática. Após anos de prestígio e desenvolvimento em sua estruturação, a retórica foi adquirindo novas perspectivas e perdendo espaço para as especializações que se aprofundaram na lógica, abrindo espaço para as diversas ramificações da ciência atual. Os fundamentais cânones da retórica podem ser reconhecidos atualmente, de forma geral e não explícita, nos PCNs e no Ensino Superior, porém, permanecem relevantes para a formação da escrita e da oralidade (CAPDEVILLE JUNIOR, 2013). O espaço para o prestígio da oratória no meio

acadêmico atual foi estabelecido, por natural movimento da cultura, nos discursos solenes e em apresentações acadêmico-científicas, por exemplo.

A pedagogia da oratória fundamenta-se na capacidade natural, na teoria ou arte e na prática, cada um desses três elementos² podem resumir os processos de aprendizagem das competências retóricas. O talento natural distingue os grandes oradores dos demais; porém, a teoria, que reúne todos os fundamentos das técnicas, e a prática dela podem construir bons oradores (CAPDEVILLE JUNIOR, 2013).

Um elemento que é utilizado atualmente com grande relevância dentro do ensino da oratória é a base teórico-prática da linguagem não verbal. Em meados do séc. XX, o psicólogo americano Paul Ekman (1975) estudou as expressões faciais de seus pacientes e desenvolveu uma catalogação das microexpressões faciais inconscientes relacionadas às emoções consideradas básicas do ser humano. A princípio, seu intuito era investigar o comportamento muscular relacionado à mentira; contudo, seus trabalhos pioneiros se tornaram a base empírica para o que hoje é formalizado como análise do comportamento não verbal (VENTURA, 2019). Nesse contexto, a comunicação corporal do orador passou a ter um suporte científico que, inclusive, ressaltou a importância das regras de postura e gesticulação ensinadas no primórdio da arte.

É possível afirmar que no século XXI o grande desafio em se desenvolver na arte da oratória esteja no âmbito preliminar de sua base pedagógica, ou seja, na condição anterior ao desenvolvimento da capacidade: se reconhecer capaz. Segundo Clark e Beck (2012), a ansiedade, como quadro clinicamente significativo, já se tornou a condição psicológica mais debilitante experimentada na atualidade. De acordo com os autores, a ansiedade possui diversas manifestações, tais como preocupação, medo, angústia, apreensão, tensão e nervosismo. Esses estados emocionais, quando em excesso, paralisam o ser humano diante de diversas atividades que não representam necessariamente um alto risco, como, por exemplo, o ato de falar em público.

Dessa forma, parte dos atuais aspirantes a oradores experimentam a sensação de incredulidade pessoal diante dessa modalidade textual, fato que pode ser agravado diante a mudança, às vezes abrupta, do Ensino Básico para o Ensino

² Do latim, respectivamente: *natura*, *ars* e *exerciatio*; são refletidas, inclusive, por Cícero em “*De oratore*”. Por meio de seus personagens, o autor discute qual das três contribui mais para a formação do orador. (CAPDEVILLE JÚNIOR, 2013).

Superior. Além da barreira psicológica, os transtornos emocionais podem compor uma espécie de “ruídos” na comunicação, impedindo o destinatário de compreender a mensagem com clareza. A oratória, ainda somada aos conhecimentos da linguagem não verbal, ultrapassa a competência da capacidade de se comunicar, embora a boa comunicação já exija a virtude da clareza por parte do remetente. Assim, para uma parte da população atual, a eficiência na comunicação, que é menos desafiadora do que a oratória, já representa uma enorme superação pessoal.

3. PROPOSIÇÃO DO CURSO

3.1. Estudo de campo

Com a finalidade de identificar as possíveis limitações comunicativas quanto à formação da oratória em alunos do Ensino Superior e investigar a possibilidade de ofertar um curso introdutório na área, foi aplicado um questionário on-line (APÊNDICE A), de método qualitativo, intitulado “A relevância da oratória no meio acadêmico”. A elaboração do questionário foi baseada em um teste on-line do Grupo Elleven (2019) que visava avaliar a desenvoltura em oratória do respondente. Como o teste de referência foi aplicado ao ambiente corporativo, realizaram-se adaptações para abarcar tópicos acadêmicos.

O questionário foi divulgado durante uma semana por meio de diversos canais de comunicação da universidade. Sua estrutura foi dividida em três seções, a saber: (i) dados de escolaridade e faixa etária, (ii) dados acerca da familiaridade e dificuldade na comunicação oral e (iii) dados referentes ao interesse em fazer um curso de oratória.

A Primeira Seção, destinada à identificação não-obrigatória, reuniu um total de 174 respostas³. Essa amostra é composta por alunos do curso de graduação (97%) e do mestrado (3%) da UNIFAL/MG (*campus* Varginha), sendo em sua maioria (89%) jovens com menos de 30 anos de idade.

Referente ao contato pedagógico com a oratória, 13,8% dos respondentes já fizeram algum curso de oratória, ou seja, 86,2% nunca tiveram aula ou não conheciam a arte. Os resultados relacionados aos desvios na comunicação oral parecem refletir essa pouca familiaridade com a oratória, pois apresentaram um cenário de muito desconforto, seja de menor ou maior intensidade, em situações comunicativas abordadas e que serão relatadas a seguir.

³ Apenas 71 pessoas optaram por registrar nome e e-mail para identificação e contato.

No contexto “apresentações orais para colegas” nota-se 24% dos respondentes confortáveis mediante a situação, porém, a maioria (54%) afirmou sentir palpitação, mãos suadas e fala acelerada sem deixar que os colegas percebam. Em contrapartida, 22% das pessoas responderam perder o raciocínio e não conseguirem disfarçar seu descontrole emocional devido ao excesso de nervosismo.

Por outro lado, quando se trata de apresentar para ouvintes em que haja alguma relação hierárquica, como professores e/ou outros, o desconforto aumenta, pois, observa-se um menor número de pessoas (16,7%) que falam com segurança e um maior número de pessoas (27%) que ficam ainda mais nervosas e não conseguem expor suas ideias. O restante dos respondentes (56,3%) admitem sentir um pouco mais de desconforto, apesar de se controlarem na situação. Acerca dessa observação é possível inferir que em situações comunicativas em que há relações de poder os alunos sentem-se inibidos com relação à interação oral.

O tópico que explora a leitura em público permite observar que poucos alunos (19,5%) não sentem nervosismo e lêem com segurança e naturalidade, a maioria (53,5%) consegue controlar e disfarçar o desconforto. Observa-se que 27% são prejudicados pelo nervosismo, mesmo em circunstância de possuir o suporte da escrita para a utilização do código oral. É possível inferir, portanto, que a espontaneidade do texto oral não seja em si um entrave, mas a oralidade em si já representa um desconforto para a maioria dos alunos.

Quanto à situação de desenvolver trabalhos em grupo com pessoas desconhecidas, poucos (8,6%) procuram se afastar e evitam fazer comentários. Um grupo maior (49,4%) se mostrou aberto à interação mediante questionamentos, apesar de não se sentir à vontade e, em seguida, há outro grupo (42%) que interage como se estivesse entre velhos amigos. Supõe-se que o nível de dificuldade apresentado no grupo menor seja indício de quadros psicológicos mais complexos e profundos, como a timidez, por exemplo.

Em momentos de manifestar perguntas e/ou um comentário em sala de aula, a maioria (50%) respondeu falar com bom volume de voz, sem ser agressivo e conseguir ser ouvido com facilidade. Outro grupo menor (34%) afirmou ser compreendido mesmo falando em tom baixo. A dificuldade para soltar a voz e ser compreendido se mostrou realidade para 16% dos respondentes. Observa-se que

esta situação é a que apresentou o maior número de pessoas com familiaridade na comunicação oral em relação às outras situações abordadas.

A fim de identificar o desenvolvimento natural da segurança nas práticas da modalidade oral, foi questionado se o respondente observou melhora ao longo dos anos letivos, na escola e na universidade, a partir das experiências em sala de aula. As respostas ficaram divididas, 43,1% responderam que a segurança na modalidade ficou estagnada e gostariam de aumentá-la, e 41,4% perceberam algum melhoramento na autoconfiança. Um menor grupo (15,5%) respondeu ter se sentido cada vez mais inibido e desconfortável para falar em público.

Com a finalidade de confrontar essa autoanálise, investigou-se a percepção e confiança dos colegas em relação à forma como o respondente apresentava em sala de aula. A maioria (58,6%) recebe a confiança dos colegas mesmo com seu desconforto sendo perceptível. Nos extremos observa-se 33,4% que recebem a confiança e apreciação dos colegas e 8% que demonstraram não haver segurança ao ponto de comprometer a confiança de seus parceiros nas atividades orais.

A Segunda Seção avaliou o interesse dos entrevistados em um possível espaço para aprender e treinar oratória, cujo resultado apontou 97% de aprovação. Atrelado a isso, a Terceira Seção investigou a disponibilidade de horários e a urgência em aprender oratória de acordo com a proximidade das apresentações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e de Trabalho de Conclusão de PIEPEX (TCP), cujo resultado apontou haver em torno de 25% de estudantes com necessidade urgente.

Com o objetivo de analisar o nível de percepção dos respondentes quanto à qualidade da produção de textos orais, ao final, apresentou-se um pequeno trecho de uma palestra⁴, em que o orador cometia alguns desvios de oratória, como lentidão na fala, postura corporal inadequada e pouca mobilidade no palco. Os respondentes deveriam, então, apontar intuitivamente quais eram esses possíveis equívocos cometidos pelo palestrante. Por não ser uma questão obrigatória do questionário, obtiveram-se apenas 47% das respostas, as quais serviram para a produção de uma avaliação dividida nos aspectos: linguagem corporal, linguagem verbal, aspectos técnicos da oratória e respostas obtidas em consulta.

De acordo com a avaliação elaborada (APÊNDICE B), a percepção geral

⁴ Vídeo original disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4Kz50LFiZk&t=34s>. O trecho apresentado refere-se ao período do início até o segundo 00:54.

dos respondentes quanto à linguagem corporal e verbal se deu pelos aspectos que transmitem insegurança e nervosismo. Expressões como “Mão no bolso”, “Aparente nervosismo”, “Olhar para baixo (na entrada)” e “Respiração ofegante” emergiram nas respostas do questionário mais frequentemente. Contudo, algumas respostas apresentaram impressões equivocadas, se vistas do ponto estritamente técnico. Por exemplo, a lógica do discurso no trecho apresentado era sequencial, porém, colocações como “Discurso desconexo” e “Discurso prolixo” apareceram, possivelmente devido às longas pausas feitas pelo orador, as quais sobressaíram à atenção do respondente.

A partir da aplicação desse questionário, pode-se concluir que há demasiado desconforto, da parte dos respondentes, na modalidade oral tanto em situações comunicativas que utilize o suporte da escrita quanto em produções espontâneas, agravando-se em circunstâncias que envolvem graus socialmente hierárquicos e em situações formais (como apresentações de seminários, por exemplo), bem como amenizando-se em situações de interatividade espontânea. Destacou-se um pequeno grupo com maiores dificuldades comunicativas e uma disparidade entre a autopercepção dos entrevistados e a visão de terceiros quanto aos seus desempenhos na oratória. A percepção dos entrevistados com relação ao que consideram equívocos da oratória sugeriu, de maneira geral, haver pouco conhecimento técnico da arte e maior percepção da linguagem corporal e verbal.

3.2. Proposta didática

A partir da sondagem descrita na subseção anterior, propôs-se o curso (de extensão) “Introdução à Oratória”, com duração de quatro semanas, com encontros de duas horas, atendendo duas turmas⁵ de 15 alunos, cada. A cada encontro, objetivou-se trabalhar tópicos introdutórios da Oratória, a saber (i) as principais limitações psicológicas, (ii) as técnicas básicas referentes à linguagem não verbal, (iii) a utilização de recursos e (iv) algumas orientações para treinamento individual, os quais foram trabalhados semanalmente de forma teórica e prática.

No primeiro encontro construiu-se um paralelo entre a Oratória e a Comunicação, além da apresentação da história da origem da oratória. Como tema central, foram apresentados os aspectos psico-fisiológicos das três principais fontes emocionais de desconforto na prática da oratória: a timidez, a insegurança e a

⁵ Devido à desistência de alguns alunos, as turmas foram unificadas após o segundo encontro.

ansiedade. Esse arranjo visava auxiliar a percepção emocional dos inscitos, por meio da nomeação das próprias sensações e emoções.

No segundo encontro, abordou-se a relevância da linguagem não verbal na oratória, convergindo, em seguida, para os principais comportamentos involuntários provocadores de “ruídos” na *comunicação oral*, (tais como: mexer constantemente em objetos, estalar os dedos, chutar o chão, coçar-se, tossir sem necessidade) e o *uso repetitivo de expressões*, (como: “né”, “entende” e “tipo assim”, por exemplo). Algumas técnicas que contribuem para a redução desses ruídos foram praticadas e incentivadas entre os alunos, tais como respiração, leitura de trava línguas e relaxamento do palato. Incentivaram-se os alunos a seguirem com a prática dessas técnicas fora da sala de aula.

O uso de *handouts*, slides e microfones para apresentações foram o assunto do terceiro encontro. A memória, conceituada como a faculdade que permite acessar informações retidas no cérebro, foi exercitada na técnica de estruturação em tópicos. A confecção de *handouts* foi recomendada no lugar das típicas e extenuantes memorizações textuais engessadas, tão vulneráveis diante de descontroles emocionais. Abordou-se também a utilização e a elaboração de slides em apresentações, embora seja um tópico trabalhado direta ou indiretamente em algumas disciplinas dos cursos de graduação, a ênfase se deu ao orador, em sua postura e em sua manipulação de objetos envolvidos nessa situação (como controles remotos e telas). Por último, foram apresentados os tipos de microfones e cada aluno simulou a leitura de um juramento solene, habitual em formaturas, utilizando o modelo mais convencional do equipamento no momento de prática no curso.

Por fim, a última aula foi planejada para incentivar a continuidade da prática da oratória após o término do curso. Para tanto, produziram-se reflexões sobre alguns equívocos geralmente cometidos durante treinamentos de oratória não supervisionados, como: excesso de preocupação, ideias de perfeccionismo e autocrítica destrutiva. Os alunos realizaram uma autoavaliação valendo-se de registros audiovisuais e de anotações pessoais dos seus progressos e de suas dificuldades ao longo do curso. Confrontando suas observações desde o primeiro dia, puderam se perceber através de uma perspectiva externada, a qual lhes permitiram identificar desvios de oratória em seus próprios comportamentos.

Como recurso didático, além da exposição oral, os alunos receberam folhetos com a síntese de cada tópico abordado durante as aulas, os quais continham apontamentos técnicos, bibliográficos e visuais para promover o melhor aproveitamento do curso.

3.3. As avaliações do curso

A fim de avaliar a qualidade do curso desenvolvido, aplicaram-se dois questionários aos alunos: um ao início (APÊNDICE C), para coletar informações sobre a expectativa dos alunos, e outro ao final (APÊNDICE D), a respeito da satisfação dos participantes.

As principais expectativas dos alunos refletiram suas motivações e puderam ser resumidas em uma busca por aprendizado ou aperfeiçoamento técnico e o crescimento da autoconfiança no exercício da oratória. A princípio, os alunos construíram suas expectativas baseadas em experiências negativas expressadas, como “travar”, falar enrolado, nervosismo, vergonha, traços de ansiedade, insegurança, timidez, falta de confiança na fala.

O questionário final do curso apontou grande satisfação quanto ao material e a didática utilizados, o tempo de aula, o conteúdo e os exercícios abordados, assim como as tarefas sugeridas. Em geral, houve relatos de melhoras nos aspectos vocais, posturais, emocionais e técnicos, além de um crescimento teórico sobre a arte, o que satisfez as expectativas e resultou em unânime indicação para a continuidade do projeto. Apesar disso, reconhece-se que apenas quatro encontros não abordam todas as limitações enfrentadas pelos alunos com relação à oratória, levando-se a considerar que o curso possa ser ofertado novamente. Como melhorias, apontou-se que se deve explorar mais atividades práticas durante os encontros.

3.4. Avaliação da Ministrante

A qualificação pessoal da ministrante atendeu a demanda principiante, podendo afirmar que a experiência de conduzir o projeto após o estudo de campo foi marcada pela constatação da necessidade de introduzir a oratória no meio acadêmico, além de ser incentivador para a continuidade e a ampliação do projeto. Diante do vasto campo teórico da oratória, condensar seu conteúdo a uma esfera

introdutória e acadêmica foi um processo que exigiu muito foco nos apontamentos da sondagem realizada, e, de fato, a ministrante percebeu a validade do conteúdo como uma ponte entre a oratória e seus aspirantes.

O proveito do conteúdo por parte dos inscritos não foi completo, pois apenas um aluno cumpriu 100% da carga horária, o que afetou não só o rendimento pessoal dos estudantes, como também o retorno dado na avaliação do curso. É importante mencionar que a aula com maior número de ausentes foi justamente a parte mais prática do curso, o segundo encontro, o que explicaria os pedidos por mais exercícios.

Na etapa de definir a abordagem didático-pedagógica optou-se por uma programação que visava a qualidade da experiência individual nos encontros. Contudo, essa opção exigiu um ajuste entre a duração dos encontros e o número de vagas, resultando em 15 vagas por turma. Visando minimizar esse efeito, ofertaram-se duas turmas em horários e dias diferentes. Para atender a dicotomia de tempo e qualidade seria indispensável, em caso de ofertas futuras, reestruturar os encontros de forma a atender as necessidades individuais com menor impacto no tempo de aula.

Para o terceiro encontro, era ideal que se fizesse a simulação do juramento solene no próprio auditório da universidade, contudo, mesmo tentando com semanas de antecedência, não havia mais vagas para o local. Outro empecilho foi a falha do microfone no momento de uso, embora a reserva tenha sido feita em tempo hábil, faltou um teste antecipado do equipamento. Dessa forma, embora com o uso do microfone desligado e com a improvisação de um púlpito em uma sala grande, a qualidade do ensino ficou aquém da planejada. Por fim, observa-se que a qualidade do ensino em geral satisfaz as expectativas dos inscritos, mas, pode ser melhorado para futuras ofertas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da descrição das etapas de planejamento, ministração e reanálise do curso piloto, conclui-se que este projeto permite aos participantes um aproveitamento teórico e prático capaz de gerar familiaridade com a produção oral de textos acadêmicos. Dessa forma, o curso preenche o cenário de escassez da arte no meio acadêmico, especificamente na UNIFAL/MG (*campus Varginha*), atendendo à necessidade consultada.

O curso evidenciou melhorias para versões futuras do projeto, como as limitações técnico-instrumentais apontadas na subseção 3.4. O baixo número de vagas impediu a participação de alunos também interessados no aprendizado. Por fim, a proposta didático-pedagógica, montada com tempo muito justo entre as experiências individuais, comprometeu a duração dos encontros.

Em parceria com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE), prevendo uma futura oferta do curso, a Psicologia mostrou-se aberta a acolher os alunos cuja autoavaliação apontasse a necessidade de algum apoio profissional. Além da parceria com a PRACE, surgiu também a ideia de um grupo de apoio mútuo para os egressos do curso Introdução à Oratória. Partindo da ministrante e aceito pelos demais, o chamado Clube da Oratória foi pensado como forma de treinamento para apresentações pontuais e se enquadraria como uma ação de extensão.

Por último, cabe considerar, para a continuidade do projeto, sua extensão aos outros campi da universidade e para as comunidades vizinhas. Diante do desafio pedagógico proposto pela pandemia do Corona vírus, em 2020, é possível que o curso possa ser revisto para o formato remoto bem como abarcar a maneira de apresentar trabalhos/seminários virtuais como conteúdo integrante do curso.

5. REFERÊNCIAS

AULETE, C.; VALENTE, A. L. S. Dicionário Aulete. **Versão eletrônica**, 2020.

BRASIL. Casa Civil. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 27 mai. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Brasília: MEC/SEF, 1997**. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 26 mai. 2020.

CAPDEVILLE JUNIOR, I. **O discurso sobre a arte de fazer discursos e o ensino moderno de oratória**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CLARK, D. A.; BECK, A. T. **Vencendo a ansiedade e a preocupação com a terapia cognitivo-comportamental**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. **Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial clues**. Upper Saddle River, NJ: Prentice-Hall, 1975.

GRUPO ELLEVEN. **Teste de oratória**. Disponível em: <https://elleventreinamentos.com.br/teste/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

JOSEPH, M. **O Trivium As artes liberais da lógica, gramática e retórica: entendendo a natureza e a função da linguagem**. São Paulo: É Realizações, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MATEUS, S. **Introdução à retórica no século XXI**. São Paulo: LabCom, 2018.

POLITO, R. **Como falar corretamente e sem inibições**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

SCHWARTZ, J.; GLADDING, R. **Você não é o seu cérebro: A solução em 4 passos para mudar maus hábitos, acabar com pensamentos destrutivos e tomar as rédeas da sua vida**. Campinas: Auster, 2012.

TERRA, E.; CAVALLETE, F. T. **Projeto Radix: português, 7o ano**. São Paulo: Scipione, 2009.

VENTURA, R. **Como manipular e persuadir milhares de pessoas: O segredo dos comunicadores extremos**. São Paulo: Eu Posso!, 2019.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala:** a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. Petrópolis: Vozes, 2012.

WINCH, P. G.; NASCIMENTO, S. S. A teoria da comunicação de Jakobson: suas marcas no ensino de Língua Portuguesa. **Revista Estudos da Língua(gem)**, v. 10, n.2, 2012.